



O PARADOXO DOS VAMPIROS NA FRANÇA MODERNA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3645

Gabriel Elysio Maia Braga, UFPR

Resumo

Ao longo dos séculos XVII e XVIII diversos pensadores europeus se dedicaram ao desenvolvimento de sistemas explicativos da Natureza. Neles procuraram encaixar não apenas animais e fenômenos como a chuva, mas também as influências e os poderes de Deus e do Diabo, assim como as potencialidades humanas sobre os âmbitos natural e sobrenatural. Ocorreu no seiscentos um movimento que encolheu a esfera sobrenatural e diminuiu sua potencialidade em relação à Natureza. Esta, por sua vez, foi tornada mais complexa, passando a ser responsável por diversos fenômenos antes tidos como sobrenaturais. Michaël Ranft (1700 – 1774) foi um pastor luterano germânico que escreveu, em 1728, uma dissertação sobre a mastigação dos mortos – fenômeno constatado na Europa Oriental e relato em periódicos como o francês *Le Mercure Galant*. Ranft foi um grande defensor das potencialidades naturais, inclusive do que denominou enquanto *pouvoirs cachés de la Nature* [poderes ocultos da Natureza], que seriam operações naturais que ainda não haviam sido desvendadas pelo homem, mas que, com o desenvolver da Filosofia Natural poderiam ser desvendadas. Em seu sistema explicativo, procurou considerar o poder da imaginação humana como uma operação secreta da Natureza. A imaginação possuía uma potencialidade tão grande que poderia causar doenças e até mesmo a morte. Augustin Calmet (1672 – 1757) foi um monge beneditino francês cuja obra mais famosa – o tratado sobre vampiros de 1751 – consistiu em uma análise da lenda do vampiro. Calmet buscou confrontar relatos, utilizando-se dos saberes histórico, filosófico, teológico e médico para descreditar a lenda.

Palavras Chave:

Vampiros; Natureza;
Sobrenatural; Michael
Ranft; Augustin Calmet.

Introdução

Il faut, en attendant, que je vous dise un mot sur une maladie en Ukraine, que je croirais fabuleuse, si des gens de l'honneur ne l'attestaient de leur témoignage, et si la chose n'était tenue pour si certain dans le pays, qu'on y passerait pour ridicule d'en vouloir douter. On l'appelle, en langue ruthénienne, *Upior*, et en polonais, *Friga*.¹

O trecho acima citado foi escrito por Pierre des Noyers, secretário da rainha da Polônia, no ano de 1659, durante uma viagem à Ucrânia em que acompanhava o rei. Esta curta carta consiste no primeiro relato conhecido sobre mortos-vivos que chegou ao ocidente. O principal elemento a se fazer atenção é a classificação do mal como uma doença, portanto, algo da ordem da Natureza.

A carta do secretário real não consistiu em um relato de grande repercussão na Europa. Até o ano de 1692, os mortos-vivos dos Bálcãs² ficaram afastados de discussões públicas. Neste ano, entretanto, a publicação de um artigo no periódico francês *Le Mercure Galant* veio modificar a dinâmica do silêncio sobre essas criaturas. O *Article Fort Extraordinaire*, anônimo, classificou os *upiers* – ainda não havia a terminologia “vampiro” – como frutos da possessão demoníaca de cadáveres, algo que remetia às possessões coletivas de Loudun e Louviers, ocorridas na primeira metade do século. A explicação dada a foi de que

os demônios deixavam os corpos e as tumbas para sugar sangue dos vivos e retornavam para o caixão, depositando o sangue no cadáver, motivo pelo qual era constatada uma grande quantidade de sangue na exumação.

O *Mercurie Galant* era um periódico que publicava notícias, contos, crônicas, relatos de viagens, anedotas... enfim, uma grande diversidade de temas era abordada em suas páginas. “Nas edições do *Mercurie* eram comuns discussões sobre temas do âmbito da cultura”,³ como por exemplo, os debates sobre o uso da *baguette divinatoire*. Esse objeto consistia em um pedaço de madeira com o formato da letra Y.

Este instrumento acreditava-se, possuía a propriedade mágica – ou natural, dependendo do autor – de indicar a localização de fontes de água, dinheiro escondido, minas de metais, e várias outras coisas. O que a *baguette* indicava variava de acordo com a vontade do divinador – nome dado àquele que segurava o instrumento.⁴

Sendo assim, o *Article Fort Extraordinaire* abriu espaço, dentro de um periódico que aceitava temas relacionados ao sobrenatural, para a discussão sobre a temática dos mortos-vivos sugadores de sangue. No ano seguinte um advogado do parlamento de Paris de nome Marigner decidiu publicar sua dissertação em duas partes. Seu trabalho propunha uma interpretação diferente sobre o fenômeno. Suas publicações, *Lettre en Forme de Dissertation* e *Sur les Stryges de Russie*, ambas de 1694, buscaram esquematizar um sistema explicativo da Natureza. Marigner teorizou um sistema baseado nos quatro elementos. Todos os seres encontravam-se entre dois âmbitos, o espiritual e o corporal. Os seres correspondentes a esses dois extremos eram os anjos e os demônios. O ser-

¹ “Falta, entretanto, que eu lhe diga uma palavra sobre uma doença na Ucrânia, que creio fabulosa, se as pessoas de honra não atestaram o meu testemunho, e se o assunto não fosse tido por certo naquele país, que se passaria por ridículo querer duvidar dele. Chamam-se, em língua rutena, *Upior*, e em polonês, *Friga*”. Cf. NOYERS, 1859, p. 561. [Tradução minha].

² A localidade muda conforme os anos. Inicia na Ucrânia, passa a Rússia e no século XVIII, nos Bálcãs.

³ BRAGA, 2016, p. 61.

⁴ *Ibidem*.

humano ocupava a posição intermediária dessa escala. O seu objetivo principal era encontrar qual a posição ocupada pelos mortos-vivos sugadores de sangue.

A classificação de Marigner era uma releitura da classificação de Paracelso. Este pensava em uma grande variedade de gêneros humanos, cada qual com suas espécies. O advogado francês não concordava com a variedade de espécies pensadas por Paracelso, contudo, adotou sua estrutura para pensar na divisão da Natureza. Teorizou quatro grandes gêneros, baseados nos quatro elementos. Cada gênero se dividia em quatro subgêneros os quais, por sua vez, dividiam-se em quatro espécies. Os animais eram ligados ao gênero do fogo, e sua divisão em subgêneros também correspondia aos quatro elementos. À terra, estavam relacionados os répteis, ao ar os pássaros, à água os peixes e ao fogo todos os outros. Embora a Teoria da Evolução de Charles Darwin contenha a classificação mais conhecida, “foi no período renascentista, nos séculos XV e XVI, que se expandiram os estudos sobre animais e plantas e as iniciativas para classificá-los”.⁵ Marigner, portanto, procurou revisitar Paracelso e propor uma classificação que desenganasse a mente dos curiosos.⁶

Os *Upiers*, contudo, não poderiam se encaixar nesse sistema. Marigner não conseguiu classificá-los como humanos, pois era contra a ideia de que havia diversas espécies humanas, assim como não obteve êxito em encaixá-los em outra classificação. Assim sendo, os mortos-vivos trazidos pelos relatos apenas poderiam ser sobrenaturais. Deferentemente do autor de *Article Fort Extraordinaire*, o advogado não pensava que tais criaturas fossem fruto de ação demoníaca, mas sim de ação divina. Os sugadores de sangue eram uma resposta de Deus aos “pechez qui leur sont

particuliers & ordinaires”.⁷ Os povos daquelas localidades eram, na opinião do advogado, crédulos e mais propensos aos pecados da carne devido à umidade da região. A umidade, em sua opinião, afetava a imaginação, corrompendo-a, causando ilusões e propensão ao pecado.

Ao longo do século XVII a Igreja Católica se empenhou na diminuição do poder do Diabo. O papa Bento XIV se empenhou na desautorização do Demônio frente à humanidade.⁸ Satã teve sua imagem diminuída, foi considerado por alguns como um físico, detentor de muito conhecimento devido à experiência dos séculos, conhecedor, portanto, de diversas propriedades naturais que ainda eram desconhecidas dos humanos. Marigner, embora desautorize o Diabo de certa forma, não nega a influência do âmbito sobrenatural na Natureza. O poder divino, para o advogado, ainda realizava diversas interferências no cotidiano. Uma opinião diferente veria do filósofo alemão Michaël Ranft, que acreditava, por ser protestante, que o tempo dos milagres já havia acabado. Após o episódio da Paixão de Cristo, Deus não teria mais a necessidade de se afirmar perante a humanidade, logo, qualquer evento classificado como sobrenatural seria fruto de uma opinião falsa.

Objetivos

O objetivo principal desse artigo é analisar o pensamento do filósofo alemão Michaël Ranft. As ideias por ele expostas se ligavam ao protestantismo e ao racionalismo do século XVII. Ranft desejava analisar os casos de vampiros – já com essa nomenclatura – retirando-os de qualquer discussão relacionada ao sobrenatural. De fato, Ranft aspirava a um conhecimento sobre a Natureza que

⁵ PRESTES *et al.*, 2009, p. 102 – 103.

⁶ MARIGNER, 1964a, p. 95 – 97.

⁷ “pecados que lhe são particulares & ordinários”. Cf. *Idem*, 1694b, p. 102. [Tradução nossa].

⁸ BRAGA, 2015, p. 63 – 64; 73 – 74.

não considerasse os papéis de Deus nem do Diabo.

A dissertação de Ranft sobre o assunto foi defendida em 1725, perante a *Académie des Savants de Leipzig* e publicada em 1728. Uma data intermediária entre as discussões no *Mercur Galant* na década de 1690 e o tratado sobre os vampiros do monge beneditino Augustin Calmet em 1751.⁹

Ranft reúne conhecimentos da Medicina e da Filosofia Natural a fim de explicar o fenômeno dos mortos-vivos balcânicos. O autor construiu sua teoria partindo de alguns pressupostos: a) influências sobrenaturais na Natureza eram tão raras que poderiam ser desconsideradas como causas de fenômenos observados; b) havia uma série de poderes ocultos na Natureza; c) os conhecimentos humanos mudavam ao longo do tempo, logo, a Filosofia Natural dos séculos posteriores desvendaria os poderes ocultos da Natureza; d) a imaginação humana ainda não havia sido compreendida de maneira apropriada. Exploraremos neste artigo os quatro pressupostos da dissertação de Ranft e como eles serviram para explicar o fenômeno dos vampiros.

Resultados

O trabalho de Michaël Ranft foi dividido em duas partes. A primeira denominada de dissertação histórico-crítica e a segunda de filosófica. Já de início afirma que pretende tratar dos *pouvoirs cachés* [poderes ocultos] da Natureza. Sua proposta era a de investigar melhor as potencialidades naturais, visto que relegar tudo aos âmbitos divino e demoníaco era sinal de,

em suas palavras, pobreza filosófica.¹⁰

O grande problema em se trabalhar com Deus e o Diabo era que, para uma ação do primeiro, era necessário um fim que visasse o bem. As intervenções divinas deveriam ter como objetivo o bem da humanidade, o que não correspondia ao fenômeno dos vampiros. Ao delegar algo ao Demônio, na realidade, se estava delegando algo à responsabilidade de Deus. Satã não poderia realizar nenhuma ação a não ser com permissão divina, logo, retornava-se ao primeiro problema. Além disso, Ranft considerava que colocar o Diabo como alvo de todos os fenômenos estranhos não denotava prática suficiente da razão, algo que defendia fortemente.

Enquanto protestante, não possuía a mesma visão de milagre do que os católicos. O autor, aliás, ironiza o grande número de santos e classificou como credice diversos rituais e crenças católicos. Um dos pontos mais confrontados era a identificação da boa conservação de cadáveres como um sinal de santidade. De acordo com Ranft, a incorruptibilidade cadavérica não possuía nenhuma relação com a santidade. A fim de provar seu ponto, fez um resgate histórico de casos de corpos bem conservados desde a *Ilíada* de Homero. O cadáver de Alexandre, o Grande, por exemplo, foi um que permaneceu conservado por um longo período de tempo.¹¹

O filósofo buscou combater a relação da incorruptibilidade com a santidade mostrando a *regularidade* do fenômeno. Se era regular, logo, era uma reação da Natureza, com nenhuma relação com o âmbito do sobrenatural, que só deveria interferir no natural em raras situações. Ranft citou o caso de um mineiro soterrado que teve o corpo conservado por mais de 60 anos. Após o

⁹ O trabalho havia sido publicado sob a nomenclatura de dissertação em 1746, ganhando uma segunda edição três anos depois. Contudo, em 1751, o próprio autor ampliou e corrigiu seu trabalho, nomeando-o como tratado.

¹⁰ RANFT, 1995, p. 16.

¹¹ *Ibidem*, p. 75 – 77.

corpo ser resgatado, contudo, ele entrou em processo de putrefação. Não sendo possível o mineiro ter perdido a santidade, o fenômeno deveria ter relação com outro fato que não o sobrenatural. Havia regularidade e era possível uma conservação temporária.¹² Esses elementos denotavam ação natural e não ação divina e/ou demoníaca.

Outro ponto importante era a imaginação, uma força da Natureza presente nas mentes humanas. A definição de *imaginação* para Ranft era sinônimo de alucinação e fantasia. A imaginação era responsável pela produção de imagens, causando diversas opiniões errôneas. Os vampiros, entretanto, não eram frutos de um problema de imaginação individual. Os cadáveres ainda apresentavam resquícios de vida. Ranft se utiliza do conceito paracelsiano de *vis vegetans* de que o corpo permanecia em uma vida vegetativa do momento da morte até a decomposição completa. Nessa vida vegetativa, a imaginação continuava a funcionar e agir. De acordo com Ranft, corpos agiam sobre corpos, enquanto o espírito agia sobre o espírito e sobre corpos, assim sendo, a imaginação de uma pessoa poderia afetar a de outras ao seu redor.

A imaginação dos cadáveres possuía a potencialidade de causar efeitos terríveis sobre os vivos. Não apenas a produção de imagens, mas com o terror causado poderia gerar doenças e até mesmo a morte. Um caso de *imagination frapée* [imaginação ferida], utilizando-nos do conceito de Calmet (1751). A responsabilidade, portanto, era dos cadáveres e suas imaginações que permaneciam em atividade. Isso correspondia com o modo tradicional de se livrar dos vampiros, ou seja, a decapitação e cremação do corpo. Com a destruição do cadáver a imaginação não tinha como funcionar e exercer suas potencialidades em outros corpos e

mentes, a vida vegetativa se acabava.

A conclusão de sua dissertação é também muito interessante. Nela, Ranft procura apontar as formas de acabar com os malefícios causados pelos cadáveres. Em primeiro lugar ele busca uma resposta que abarcasse o uso da razão, uma resposta que evitasse a exumação dos corpos. Ranft declarou que o melhor meio de se prevenir de tal malefício era a “réconciliation franche et sans fard avec les mourants et l’oubli du passé”.¹³ Dessa forma as paixões estariam acalmadas, o que impediria uma atividade cadavérica forte e, conseqüentemente, os efeitos da imaginação sobre os vivos. O filósofo ainda pede que, se mesmo com a reconciliação o morto vier a perturbar, se ignore as perturbações causadas pela imaginação cadavérica. Entretanto, se a situação se tornasse incontornável, a única solução que restaria era a exumação e destruição do corpo.

Considerações finais

As considerações de Ranft sobre os poderes ocultos da Natureza não nos devem parecer deslocadas de outras ideias modernas. O trabalho de Robert Darnton sobre o mesmerismo¹⁴ não nos deixa esquecer que,

De fato, havia uma quantidade suficiente de fluidos, patrocinados por uma quantidade suficiente de filósofos, para provocar vertigens em qualquer leitor do século XVIII. Era um século de “sistemas” e um século de empirismo e experimentalismo. Os “cientistas”, muitas vezes padres, buscavam a “ciência”, conhecida

¹³ “reconciliação franca e sem falsidade com os moribundos e o esquecimento do passado”. Cf. *Ibidem*, p. 125. [Tradução nossa].

¹⁴ Franz Anton Mesmer estudou medicina em Viena. Dois anos após defender sua tese, anunciou a descoberta de um fluido ultrafino cercava e interagia com todos os corpos. Desenvolveu, então, um método de manipulação desse fluido com intuítos curativos e terapêuticos

¹² *Ibidem*, p. 77.

frequentemente apenas como filosofia [...].¹⁵

Ranft procurou esclarecer uma crença ao mesmo tempo em que atacava o catolicismo e promovia a Filosofia Natural. Tudo poderia ser explicado pela Natureza, com a condição de que se realizasse uma investigação atenta. O trabalho do filósofo representa uma mudança de *mentalidade* em relação ao natural e ao sobrenatural. Ao longo do século XVII o sobrenatural foi perdendo espaço dentro dos sistemas explicativos dos filósofos. Cada vez mais explorava-se a Natureza e imputava-se nela uma série de potencialidades.

A *naturalização* dos vampiros promovida por Ranft, por mais fantástica que possa nos soar sua explicação, estava de acordo com as teorias sobre a Natureza da época. Tanto o filósofo alemão quando o advogado francês propõe releituras de Paracelso, o segundo, contudo, devido à sua filiação católica, estabelecia um espaço de ação sobrenatural a partir de Deus. Ranft, por sua vez, demarcou uma separação entre Religião e Filosofia Natural em sua dissertação. Fenômenos observáveis poderiam ser explicados somente pelas potencialidades da Natureza. Essas, substituíam o fantástico, o sobrenatural, as influências divinas e/ou demoníacas. A Natureza estava acima de tudo. A resposta católica viria somente em 1746 com a dissertação de dom Calmet, a qual possui muitas similaridades com a teoria de Ranft, embora o beneditino apresentasse um lugar bem definido para o Diabo em seu sistema explicativo, diferentemente do que propôs o alemão..

Referências

BRAGA, G. **Considerações Sobre a Figura do Vampiro e o Sobrenatural no Século XVIII a Partir da Obra de Dom Calmet (1672 – 1757)**. 104f. Monografia (Graduação em História) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal

do Paraná, Curitiba, 2015.

_____. O Sobrenatural e o Desenvolvimento de um Espaço Público de Debate no *Le Mercure Galant* no Final do Século XVII. **História e Culturas**, v.4, n.7, p. 56 – 70, jan-jun 2016.

CALMET, Dom Augustin. **Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.** Tome I. Paris: Debure l'aîné, 1751a.

_____. **Traité sur les apparitions des esprits et sur les vampires ou les revenans de Hongrie, Moravie, etc.** Tome II. Paris: Debure l'aîné, 1751b.

CERTEAU, M. **La Possession de Loudun**. Saint-Amand: Gallimard/Julliard, 2005 [1970].

DARNTON, R. **O Lado Oculto da Revolução – Mesmer e o final do Iluminismo na França**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1988 [1968].

DES NOYERS, Pierre. L'arrive du Roi de Pologne à Bantzig – Ce que c'est que le vampire – Nouveau soulèvement des Cosaques – ou va enfin traiter avec les Suédois. In : _____. **Lettres de Pierre des Noyers secrétaire de la reine de Pologne Marie-Louise de Gonzague, Princesse de Mantoue et Nevers, pour servir à l'Histoire de Pologne et de Suède**. Berlin : Librairie de B. Behr, 1859, pp. 560 – 564.

_____. Article Fort Extraordinaire. **Le Mercure Galant**, Paris, pp. 62 – 71, mai. 1693.

MARIGNER. Lettre en Forme de Dissertation de Mr Marigner, Sr du Plessis, Ruel, & Billoüard, Avocat au Parlement de Paris, adressée à Mr Charles de Volaud de Matheron, Seigneur d'Aubenas, de Salignac, & d'Entrepierre, Gentilhomme de Provence, sur les Creatures des Elements, & autres sujets invisibles, corporels ou spirituels, sur les Stryges de Russie, & sur la Physique Occulie de la Baguette. **Le Mercure Galant**, Paris, pp. 58 – 166, jan. 1694a.

_____. Sur les Stryges de Russie. **Le Mercure Galant**, Paris, pp. 13 – 119, fev. 1694b.

PRESTES, M.; OLIVEIRA, P.; JENSEN, G. As origens da classificação de plantas de Carl von Linné no ensino de biologia. **Filosofia e História da Biologia**, v. 4, p. 101 – 137, 2009.

RANFT, Michael. **De la Mastication des Morts dans leurs Tombeaux**. 1ª ed. Grenoble: Jérôme Million, 1995 [1728].

¹⁵ DARNTON, 1988, p. 20.